

# Convocado pelos deputados distritais, secretário de Saúde responde a perguntas sobre a doença

Edilson Rodrigues



ARNALDO BERNARDINO PASSOU CINCO HORAS PRESTANDO ESCLARECIMENTOS: DOENÇA AINDA REPRESENTA RISCO

DF - Saúde

# Bernardino explica combate ao surto

MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

**P**or cinco horas, Arnaldo Bernardino explicou aos deputados distritais como é feito o combate à hantavirose no Distrito Federal. Na audiência convocada para esclarecer as ações institucionais de contenção à doença, o secretário de Saúde foi submetido a uma sabatina pelos parlamentares. E disse que o surto da hantavirose, que já matou 14 pessoas no DF e Entorno, ainda representa riscos.

“Pense no surto com cabeça, corpo e cauda. Os especialistas dizem que o surto no Distrito Federal está na cauda”, comparou o secretário. De acordo com ele, porém, a hantavirose é uma doença de difícil controle, porque também depende de cuidados pessoais. “Por mais informação que você repasse, se uma única pessoa negligenciar aquelas recomendações diante de uma situação ou local de risco, poderíamos ter aí um caso de contaminação.”

Entre mortos e sobreviventes, o DF e o Entorno registram 32 vítimas comprovadas da hantavirose. Desde o início do surto, no final do mês de maio, o Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo, analisou 165 exames de pacientes. Desses, 97 eram de moradores de

São Sebastião, cidade que lidera o ranking de confirmações. No DF foram comprovados 25 registros: 15 curas e dez mortes.

Ainda sob a polêmica criada pela ausência de Arnaldo Bernardino em encontro agendado na semana passada pela Câmara com o mesmo intuito, o debate de ontem começou em clima tenso. Parlamentares de oposição criticaram a atuação da Secretaria de Saúde. “O GDF só agiu porque foi impelido, por determinação do Ministério Público”, atacou o deputado Chico Vigilante (PT).

## Defesa

O distrital se referiu à reunião realizada no dia 28 de maio — seis dias após o primeiro caso de morte por hantavirose — com representantes dos ministérios públicos federal e do DF. Ao final daquele encontro, quando então já eram contabilizadas quatro mortes ainda por causas desconhecidas, foi acordado entre técnicos do GDF, procuradores da República e promotores de Justiça uma relação com 17 tarefas a serem adotadas em São Sebastião, principal endereço da doença no Distrito Federal.

Ao ser convidado para fazer perguntas, Chico Floresta (PT) sugeriu ao secretário de Saúde que colocasse o cargo à disposição. E voltou a criticar a campanha

preventiva do GDF. “A publicidade gera falsa idéia de que a hantavirose é um mal que atinge apenas os moradores de áreas rurais ou silvestres, quando a maior parte das vítimas morava em zonas urbanas. As características do DF são diferentes. O urbano, o rural e o silvestre se confundem.”

Diante da discussão, a autora do convite, deputada Arlete Sampaio (PT), pediu para que o debate se restringisse à apresentação das medidas do governo. Distritais da base governista saíram em defesa do representante do Executivo. “O que houve aqui foi uma tentativa de desestabilizar o secretário. Estamos aqui para discutir ações de governo. Não é espaço para ataques pessoais”, disse a líder do governo na Câmara, Anilcéia Machado (PSDB).

Bernardino se defendeu das críticas, mas não alimentou a discussão. “A oposição está no papel dela. Cabe a nós, governo, dizer o que está sendo feito e não ficar respondendo a provocações.” O secretário de Saúde reafirmou que desde a madrugada do dia 22 de maio — quando morreu a primeira vítima — o governo vem adotando medidas contra a doença. Segundo ele, o GDF envia amostras de sangue ao Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, para teste da hantavirose desde 2001. Foi um total de 15, até o surgimento do surto neste ano.